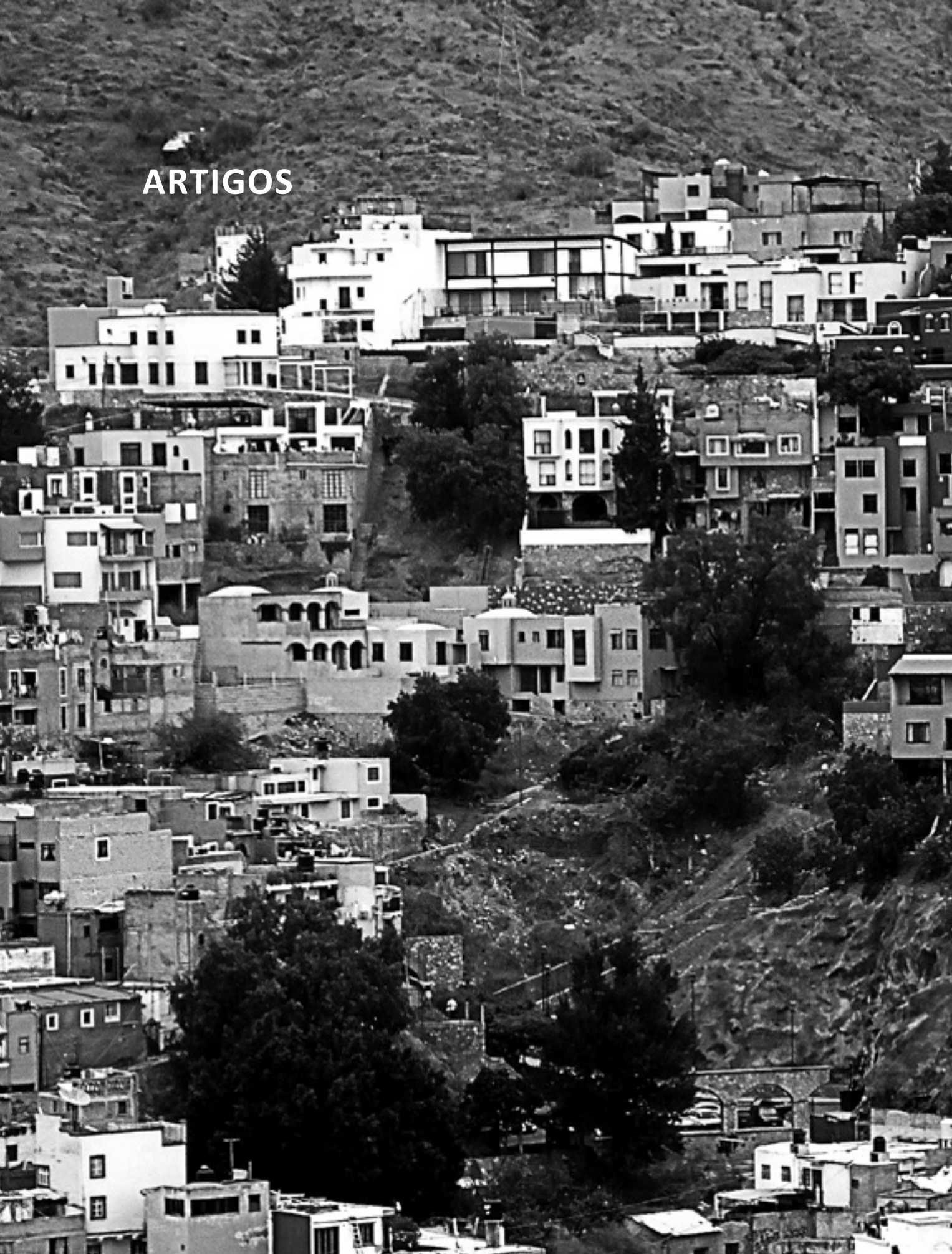


ARTIGOS



Interpretação de paisagens: sobre a experiência turística

Landscapes of interpretation: on the tourist experience

Solange T. de Lima Guimarães¹

1 Professora Livre Docente do Depto. de Geografia, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”. Laboratório de Interpretação e Valoração Ambiental. Email: hadra@uol.com.br

Resumo

Este artigo trata sobre a paisagem e a experiência turística, no sentido da valoração paisagística, propiciando uma percepção ambiental e novas formas de interpretação, mediante a educação e alfabetização ecológicas voltadas à educação turística, na implementação de programas de uso público em áreas protegidas que contribuam para o turismo como meio de desenvolvimento territorial sustentável. A metodologia fundamenta-se na análise do referencial teórico e na aplicação dos estudos preliminares de *greenways* e bosques modelos, seguindo os passos: Visão, Tradição/Lugar, Relação e Ação, preconizados pela alfabetização ecológica.

Palavras-chave: Paisagem. Percepção e Interpretação Ambiental. Experiência Turística. Valoração Paisagística.

Abstract

This article is about the landscape and the tourist experience, in the sense of landscape evaluation, providing an environmental perception and new forms of interpretation, by means of an ecological education and ecoliteracy focused on tourist education, implementing programs for public use in protected areas that will contribute to tourism as a means of sustainable territorial development. The methodology is based on theoretical analysis and application of the preliminary studies of greenways and forest models, following the steps: Vision, Tradition / Place, Relationship and Action, recommended by ecoliteracy.

Key Words: Landscape. Environmental Perception and Interpretation. Tourist Experience. Landscape Evaluation.

1. INICIANDO UMA REFLEXÃO AO MESCLARMOS COMPREENSÕES...

Quando analisamos as paisagens naturais e/ou culturais sob a ótica do turismo, nos enveredamos pelas abordagens experienciais, na investigação sobre as transformações atitudinais, comportamentais e valorativas, desenvolvidas com base nas mudanças dos níveis perceptivos e interpretativos, mais as variações decorrentes, correlacionadas à intersecção e mescla simultâneas de diferentes realidades ambientais, que por sua vez, delineiam territorialidades distintas e coexistentes em uma única paisagem. Neste sentido, consideramos tanto os referenciais egocentrados como os exocentrados, em nossas experiências com e na paisagem, numa tessitura de envolvências exteriores e interiores, que determinam múltiplos significados, diante da apreensão dos níveis de realidade, de acordo com o universo cultural e respectivas mundividências concernentes às sociedades humanas.

Em seus estudos sobre o significado da realidade concreta, Epstein (2001, p. 68)

afirma que “o indivíduo existe como a mesma pessoa em diferentes níveis de realidade ou domínios da existência, ao considerar as várias dimensões da percepção, experiência e apreensão dos níveis de realidades (entendida vivencialmente)”, e, portanto, reconhecida em seus aspectos objetivos e subjetivos, tangíveis ou não. Em sua busca sobre o significado da percepção ante uma perspectiva holística, fundamentou-se nos estudos de Lubicz (1978), referentes às antigas culturas semita e egípcia, sendo que a percepção era conhecida como “inteligência do coração”, uma vez que conciliava os conhecimentos, os sentimentos e emoções, num equilíbrio sensível entre razão e afetividade, observado mediante suas vivências. (EPSTEIN, 2001, p.16).

Sob esta perspectiva, podemos dizer que as experiências ambientais ao se constituírem como “vivências, ou seja, em fatos e acontecimentos com os quais temos contato e são tratados por nossa afetividade” (BALLONE, 2002), compreendem não só a geração de sentimentos de distintas naturezas, bem como as respostas emocionais que levam a diversas reações vivenciais. Deste modo, ao analisarmos a experiência turística dos seres humanos com e na paisagem, temos vivências ambientais que podem abarcar vários conjuntos de elementos paisagísticos significativos, com interpretações e representações individuais e coletivas, que diferem de uma cultura para outra quanto aos seus significados e expressões afetivas correspondentes à toponímia/topofobia, biofilia/biofobia, hidrofília/hidrofobia, bem como à variação dos valores atribuídos a cada nova experiência às paisagens, segundo contextos e dimensionamentos espaciotemporais diferenciados. (TUAN, 1980; WILSON; KELLERT, 1993; GUIMARÃES, 2007)

Em “Place and Placelessness”, Relph (1976) considera as paisagens apresentando-nos a relevância de seus lugares, no sentido cultural e individual, como “centros de significados e intenções”, e os processos de construção e desconstrução do sentido de lugar, envolvendo as implicações culturais e psicossociais para os seres humanos, os aspectos relacionados à dimensão da experiência coletiva e/ou individual, associados às atitudes pessoais, disposições causais internas e externas, impregnadas de componentes cognitivos, afetivos e comportamentais, plenos de significação e valores socioculturais. (GUIMARÃES, 2007). Para Relph (1979, p. 13), “esses ambientes concretos são paisagens, que não somente possuem conteúdo e substância, mas correspondem a cenários significantes das experiências diárias e das excepcionais”.

Godkin (1985, p. 243), fundamentando-se também em Relph (1976) e Tuan (1971), considera sobre a experiência humana de lugar, que “los lugares se convierten en depósitos llenos de significativas experiencias vividas que se encuentran en el centro de la identidad y del bienestar psicológico del individuo”. Diante desta perspectiva, desenvolveu estudos partindo da reflexão conceitual do significado de arraigar-se e

desarraigar-se correlacionados a lugares e paisagens, em conformidade com as preferências pessoais e coletivas (grupais), numa integração e convergência de aspectos geográficos e psicológicos, conforme a abrangência das seguintes dimensões:

1. Lugares de significados ou símbolos comuns e compartilhados por um determinado grupo de pessoas, evocando um sentido de pertinência a um grupo social, e assim, outorgam ao lugar, um signo de identidade, existindo em diferentes escalas.
2. Lugares de significados locais, evocando sentimento de vizinhança e identidade comunitária.
3. Lugares de significados universais envolvendo os quatro elementos básicos (ar, água, terra e fogo), que são compartilhados, transcendendo a identidade política ou social de um grupo. (GODKIN, 1985, p.243).

FOTO 1 – Lugares de significados ou símbolos comuns e compartilhados: Kotel (Muro das Lamentações) Jerusalém, Israel, um dos principais lugares sagrados para a população judaica de todo o mundo, evocando o sentido de pertinência religiosa, étnica e nacional.



FOTO 2 – Lugares de significado local: Museu Monteiro Lobato, em Taubaté (SP): identidade a partir da memória do escritor, nascido na região do Vale do Paraíba e que deu visibilidade à paisagem regional em seus romances, principalmente na literatura infantil com o a obra “O Sítio do Pica-Pau Amarelo”.



FOTO 3 – Lugares de significados universais: a presença do relevo montanhoso representando a terra, e a água é representada pelo mar e pelo rio, na paisagem estuarina do Parque Estadual da Serra do Mar, núcleo Picinguaba. O ar é percebido na forma da cerração conhecida como “ruço”, comum na região serrana do litoral norte do estado de São Paulo. A presença dos elementos evoca sensações de poder, imensidão, grandiosidade, imponência, pujança, etc.



Para Guimarães (2007), estas análises objetivas e subjetivas do sentido de lugar contribuem para os estudos concernentes à relevância da experiência turística, quando consideramos os processos imagéticos associados às concepções pessoais e/ou grupais respectivas aos lugares e paisagens, enfatizando aqui principalmente, as muitas faces das questões voltadas às sensações de bem-estar, de familiaridade, de medo, de pertencimento, entre tantas outras, associadas à gênese e evocação das imagens paisagísticas, e por decorrência, a padrões atitudinais e comportamentais que revelam valorações diferenciadas a respeito da multiplicidade de relações com o entorno:

[...] las imágenes positivas del lugar pueden proporcionar un foco concreto de cariño, retención e desarrollo de la propia identidad. Las experiencias que mantienen un sentido y una coherencia de sí mis-

mo son “captadas” y retenidas en la memoria parcialmente como una imagen del lugar donde las experiencias positivas ocurrieron originariamente. En otras palabras, la sensación de autoidentidad se incorpora parcialmente al ser de la persona cuando va unida al lugar en que aquella fue experimentada.[...]. Una terapia basada en el arraigo y en el desarraigo, por consiguiente, permite fortalecer las imágenes positivas del lugar y rehuir los recuerdos negativos. (GODKIN, 1985, p. 247-248)

Na experiência turística, podemos afirmar que as imagens e associações correspondentes à paisagem percebida e interpretada, são elaboradas, estruturadas, construídas tanto a partir de estereótipos, atavismos, imaginação, como de cenários reais, sob a influência de diversos tipos de filtros perceptivos biológicos e socioculturais, que enfocam, selecionam e distinguem alguns dos elementos componentes do entorno, tais como os indicadores de qualidade cênica, valorados de forma positiva ou negativa. (GUIMARÃES, 2007). Estes mesmos filtros influenciam em maior ou menor gradiente, as preferências paisagísticas, contribuindo ainda para a qualidade da experiência dos visitantes e o desenvolvimento das relações de alteridades estabelecidas entre estes e os lugares visitados. Além disso, ao funcionarem como “seletores”, levam as pessoas a distinguirem determinados elementos do entorno em vez de outros, propiciando construções de identidades paisagísticas e a visibilidade de territórios concretos e simbólicos, que por sua vez, podem ou não se constituírem em atrativos turísticos, dependendo de outros fatores, como valores ou modismos de época.

Sendo assim, quando consideramos os níveis de interpretação da paisagem, verificamos que diferentes grupos humanos trazem bagagens experienciais distintas, em razão das especificidades ligadas aos seus aspectos culturais, socioeconômicos, biológicos, faixa etária, gênero, etc., revelando percepções e valorações sobre a paisagem, segundo seus sistemas representacionais (isto é, modalidades, maneiras de vivenciar o mundo), e submodalidades (blocos de construção dos sentidos), traduzindo elaboradas construções, evocações e formas de representação, a exemplo de mapas mentais e afetivos como registros de territorialidades percebidas e sentidas.

As leituras das paisagens turísticas desvendam complexas mundividências que transformam estas mesmas paisagens em espaços e realidades relacionais, em que apenas alguns aspectos, processos ou elementos componentes são percebidos e interpretados, em função direta e indireta de fatores circunstanciais combinados. Portanto, temos então, que as realidades paisagísticas para o turista são construídas, desconstruídas e reconstruídas, mediante associações interativas entre as dimensões do concreto e do imaginário, assegurando a visibilidade de suas imagens

pretéritas e presentes, através de visões que podem convergir ou divergir ao longo do tempo, perante os processos de ressignificação derivados de novas experiências turísticas e ambientais. (LIMA, 1998; GUIMARÃES, 2004; 2005; 2007).

Já a respeito do reconhecimento do entorno paisagístico, considerando-se aqui a necessidade de estudos quanti-qualitativos de avaliação da qualidade e valoração ambiental econômica de lugares turísticos, observamos que ocorre uma multiplicidade de processos cognitivos, afetivos e comportamentais, relativos tanto ao sentido de espaço vivido como ao de mundo vivido, respectivos às paisagens e suas multifuncionalidades e multidimensionalidades, principalmente quando nos atentamos a perspectivas que se apresentam mais abertas para uma construção conceitual de paisagem, enfatizando conotações polissêmicas, holísticas e tangíveis. De acordo com Naveh (2001, p. 271):

A holistic theory of landscapes cannot be considered in isolation. It has to be based on a hierarchical systems view of the world, rooted in general systems theory (GST) and in its recent holistic and transdisciplinary insights in organized complexity, self-organization and co-evolution in nature and in human society.

Ainda considerando outros aspectos sobre a percepção da paisagem real, Meinig (1979) considera que as realidades paisagísticas podem ser muito diferentes daquilo que está no interior de nossa mente, resultantes dos processos imagéticos correlacionados à paisagem interiorizada (inscape) e às paisagens da mente (mindscape). Ao analisar as várias percepções de uma mesma paisagem, o autor identifica dez enfoques quanto às formas de interpretá-la: natureza, habitat, artefato, sistema, problema, riqueza (valor), ideologia, história, lugar e estética. Esta contextura de aspectos integrados pertinentes às paisagens cotidianas e às dinâmicas interativas ocorrentes, incide sobre suas contínuas transformações, quanto à evolução das funções e dimensões, em especial aquelas relacionadas aos nossos campos de visibilidade e de significâncias, abarcando elementos paisagísticos tangíveis e não tangíveis relacionados às vivências ambientais, influenciando de maneira consciente ou inconscientemente, a qualidade da experiência com a paisagem. (GUIMARÃES, 2004; 2007).

Por se tratar igualmente de uma dimensão experiencial, a vivência ser humano/paisagem envolve sensações de imersão, sendo que paisagens exteriores e interiorizadas passam a representarem relações de completudes. Para cada nova experiência, a paisagem é traduzida conforme renovadas leituras, mediante códigos simbólicos interjacentes e diferenciados tanto na dimensão espaciotemporal quanto na sociocultural, trazendo à luz visibilidades firmadas através de imagens paisagísti-

cas fortemente delineadas no conjunto dos significados das reações vivenciadas, à semelhança de ícones de todas as realidades objetivas (manifestadas) e subjetivas (manifestantes). (TUAN, 1983, p. 134; GUIMARÃES, 2007). Assim, temos então, as paisagens turísticas que se consagram para nós em verdadeiros cartões postais, incorporando ao longo dos tempos seus próprios símbolos e significados, lembrando aqui o contraponto entre Kronos e Kairós, entre o tempo que nos controla e o que nos absorve em envolvências, delineando as paisagens da mente, interiorizadas pelos sentimentos, sensações, emoções e afetos.

2. A EXPERIÊNCIA TURÍSTICA: ENTRE A PAISAGEM E A “DESPAISAGIZAÇÃO”

Hay que introducir incluso las más elementales normas de apreciación. Ortega y Gasset dijo ya en su día que los españoles son gente “despaisajada”. Recuerdo que esto lo dije en una conferencia que compartía con Eduardo Martínez de Pisón, y que éste al oírme se quedó sorprendido, e inmediatamente me preguntó dónde lo había leído. Tardé como diez años en decírselo porque me olvidé, hasta que de pronto, un día, releendo a Ortega, encontré la cita. Pero volviendo a lo del paisaje, en España hay un déficit cultural y emocional extraordinario. En este país se vive de espaldas al paisaje y a lo que significa. – Joaquín Araujo in Serrano (2012).

Araujo (1994) considerou a perda de alguns valores e a falta de acuidade perceptiva no que tange ao sentido e significados das nossas paisagens de vida, em razão de uma exacerbada valoração do consumismo, lembrando Ortega y Gasset quando se referiu que os espanhóis estavam se tornando “gente despaisajada”. Ainda fazendo alusão à paisagem interna, Araujo (1994, p. 13) afirma que “este paisaje está, todavía más deteriorado que el exterior. La ruina de lo que vemos tiene como causa primera la anterior de la que sentimos y queremos. Aquella depende de ésta. Y estamos ante algo sin precedentes.”

Este sentimento de estar “despaisajado” (“despaisagizado”), como se estivéssemos “desligados” das paisagens, reflete a ausência de preocupações e condutas pró-ambientais direcionadas ao patrimônio paisagístico natural, cultural e eclético, e que na maioria das vezes se constitui em recurso turístico, à falta de percepção, isto é, da tomada de consciência de “ser parte”. (GUIMARÃES, 2007). Este não comprometimento, que por vezes parece chegar até mesmo a uma alienação, de caráter individual ou coletivo, conduz a uma dilapidação dos recursos paisagísticos por parte de segmentos da população, segundo seus próprios interesses, reforçada por meio de diretrizes políticas arbitrarias, nem sempre adequadas às condições geográficas que caracterizam as diferentes localidades turísticas. Isso pode ser expresso

ainda, na falta de identidade territorial e paisagística, pelo desconhecimento das próprias raízes culturais e da história de vida sem os referenciais de pertencimento aos lugares. Para tudo aquilo que não reconhecemos como algo de valor, há uma perda de significados e sentidos.

Como decorrência, temos cenários ambientais de degradação e a própria desvalorização material e imaterial, trazendo múltiplos impactos e efeitos, tendo em vista que estabelecemos um divórcio com o entorno, fundamentado em incongruências diversificadas. Torna-se necessário então, lembrarmos de Bateson (1985) e seus estudos sobre Ecologia da Mente, e pensar na indissociabilidade das relações entre seres humanos e suas paisagens, como lugares demarcados por conexões, coexistências e convivências, sem exclusões ou rupturas, considerando as integrações com a ecosfera e a noosfera no âmbito de seus sistemas.

Naveh (2000, p. 29-38) ao discorrer sobre as dez premissas básicas respectivas às multifuncionalidades da paisagem, também considera que esta é impulsionada tanto pela biogeosfera (natural) quanto pelos processos culturais noosféricos, sendo multidimensionais ao apresentarem efeitos recíprocos na sociedade humana, uma vez que as paisagens multifuncionais são sistemas mistos naturais e/ou culturais de interação com os componentes da biosfera e noosfera, com padrões e processos que se entremesclam. Ao analisarmos, portanto, a paisagem como recurso turístico, estas premissas necessitam ser objeto de avaliação minuciosa, evitando-se percalços na implantação de roteiros e programas que não só promovam o lazer e recreação, mas acrescentem significados e contribuam efetivamente para o desenvolvimento territorial sustentável, via o turismo, em suas diferentes modalidades. Segundo o autor:

They are therefore concrete ecological-geographical systems and ordered wholes – or “Gestalt” systems – of our Total Human Ecosystem, within different scales. These scales and their functional and spatial dimensions have to be studied and managed in their own right. As such, they are more than spatially heterogeneous areas and repeated patterns of ecosystems. They range from the ecotope as the smallest mappable landscape unit, to the ecosphere, as the largest global THE landscape. (NAVEH, 1998, p.254).

This view of multidimensional and multifunctional landscape complexity is embedded in the web of life in its totality. It has emerged from the recognition that humans are not apart from nature or even above nature. They form together with their total environment an indivisible and coherent co-evolutionary geobio-anthropological entity. We have called this social-ecological supersystem the Total Human Ecosystem (THE), and regard it as the highest level of the global ecological hierarchy, above the natural ecosystem level. (NAVEH, 2010, p.75).

Desta forma, a conservação e preservação dos recursos paisagísticos naturais e culturais necessitam, paralelamente, da implementação de programas de educação e alfabetização ecológica (ORR, 1992; CAPRA et al., 2006) em seu bojo, direcionados à uma educação turística diferente dos preceitos atuais, que ensinem a ver a paisagem como patrimônio e recurso ambiental, na perspectiva de sua historicidade, cidadania, valores, proteção, pluridiversidade, resiliência, identidade, assegurando não somente uma gestão da qualidade ambiental e de vida, porém colaborando com a tutela patrimonial, no sentido de comunitariedade (BLUMER, 1969; CAPRA, 2000), numa integração de visões contextuais, uma vez que refletem as realidades de cada lugar. Como resultantes teríamos a proteção da qualidade e a recuperação dos significados e valores das ambiências e dos cenários paisagísticos para a população local e os turistas, contribuindo para a criação de redes de desenvolvimento territorial sustentáveis a partir do próprio turismo como fator de motivação, considerada a relevância do sentir-se parte do meio ambiente “a partir da perspectiva de nossos relacionamentos uns com os outros, com as gerações futuras e com a teia da vida da qual somos parte” (CAPRA, 2000, p. 26).

Neste prisma, entendemos que estes programas devem ter como uma das principais linhas de ação, a modificação da experiência de e com as paisagens de modo que estas não se tornem mais do que “recordações borradas” de viagens, propiciando imagens vivas no campo perceptivo, mediadas pelas imagens do campo da afetividade, recuperando valores associados às relações de alteridades, reciprocidades e pertencimento. Para uma educação turística ser eficiente e alcançar metas definidas efetivamente, cujas diretrizes estejam voltadas para a sustentabilidade e à preservação da memória dos lugares, devemos nos pautar para a transformação da percepção ambiental destas mesmas paisagens, tendo em vista que: “Attention is directed to transformation of the physical environment into landscapes that reflect people’s definitions of themselves and on how these landscapes are reconstructed in response to people’s changing definitions of themselves”. (GREIDER; GARKOVISH, 1994, p.1).

O não reconhecimento da incapacidade de experienciar, e conseqüentemente de criarmos vínculos com as paisagens e seus lugares, nos impede de vivenciar-las sob múltiplas dimensões, assim como de valorizar as percepções e interpretações dotadas de sentidos e significados, que podem nos transformar no transcurso do tempo, a medida em que somos receptivos às mudanças propiciadas pelas experiências. (HEIDEGGER, 1987). Nisso reside o fundamento de uma educação e alfabetização ecológica voltada ao turista – ensina-lo a perceber o entorno paisagístico, como um convite a se deixar transformar pelas experiências, como uma porta que se abre permitindo vislumbrar muitos horizontes, e, este ao retornar, trazer ressignificada a pró-

pria vida e as coisas que dão sentido a ela, numa apreensão de novos valores e práticas cotidianas. Para Tuan (1983, p. 10), “experienciar é aprender [...] uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação do sentimento e pensamento”.

Perante as conjunturas de um turismo massificante, muitas vezes perdemos a sensibilidade e a capacidade de saber ver e sentir as paisagens, de nos identificarmos com estas e suas territorialidades, e por extensão, com os elementos componentes do espaço e mundo vivido, que transformam suas multifuncionalidades e multidimensionalidades. Ao considerarmos a conjunção das geograficidades abrangidas e não reconhecidas, temos situações que nos deixam “órfãos” da paisagem exterior e “despaisagizados”:

incluso la permanente frustración sicológica actual tiene mucho que ver con este Haber castradi al paisaje físico del paisaje de las emociones. Emasculación de una parte de nosotros mismos, ya anunciada por Ortega y Gasset y Unamuno. No olvidemos que el primero llegó a escribir que estábamos “despaisajados” y el segundo que “el paisaje le completaba”. (ARAUJO, 1994, p. 14).

Este sentimento de orfandade decorrente da sensação de estarmos “despaisajados”, em nossa sociedade, se adequa às fragilidades dos “tempos líquidos” de Bauman (2007), comprometendo o sentido de pertencimento às paisagens e aos lugares. No turismo, esta situação pode se tornar mais frequente, devido à falta ou deficiências de processos educativos que despertem as pessoas de suas paisagens de isolamentos e velocidades, que impossibilitam uma acuidade perceptiva mais sensível, ou relacionamentos dialógicos com a paisagem, como um todo integrado. Portanto, uma educação voltada para o turismo deve levar em conta o desenvolvimento de condutas protetoras do ambiente ou condutas pró-ambientais (CPA), que de acordo com Corral Verdugo (2000, p. 466-467; 2002) compreendem “o conjunto de ações intencionais, dirigidas e efetivas que respondem a requerimentos sociais e individuais que resultam da proteção do meio”, sensibilizando e motivando os diferentes segmentos de população envolvidos. Ademais, Martínez-Soto (2004, p. 5) considera que “la CPA al ser deliberada forma parte de un estilo de vida que requiere de una tendencia más o menos permanente de actuación”, abrangendo as seguintes características:

Es un producto o resultado, es decir de La preservación de los recursos naturales o al menos la reducción del deterioro.

Es efectiva, en el sentido de se intencional y resultado de desplegar habilidades concretas.

Presenta un cierto nivel de complejidad, pues requiere la anticipación del resultado de la acción, deliberación para actuar y dirección hacia una meta concreta. (MARTÍNEZ-SOTO, 2004, p. 5).

Em vista disso, a continuidade dos programas educativos deve ser permanente, sem interrupções, de modo a não se restringir a datas comemorativas ou campanhas, utilizando-se de mídias e processos variados (educação formal, não-formal e informal), que busquem reabilitar os vínculos com o patrimônio paisagístico, suas territorialidades e representações socioculturais. Na realidade, espera-se que estes processos educativos proporcionem a integração e a reiteração dos conhecimentos e saberes mediante aprendizados que revelem a riqueza das experiências paisagísticas, e que não podem ser restritas apenas aos conteúdos técnico-científicos referentes aos ambientes abrangidos. O processo de reencontro com a paisagem vivida compreende ações capazes de precipitar e catalisar reações afetivas, induzindo a construções e reconstruções de escalas valorativas, a novos padrões atitudinais e comportamentais, em especial, os pró-ambientais, levando à reorganização dos sistemas representacionais associados aos recursos turísticos, permitindo outros níveis cognitivos, perceptivos e interpretativos a partir do significado e qualidade da experiência vivenciada.

Neste sentido, Ribas Vilàs (1992) analisa a paisagem real em relação à percebida, sob o prisma da Gestalt, avaliando a inclusão tradicional de alguns conteúdos e a exclusão de outros, segundo Guimarães (2007), devido às dificuldades de tratamento metodológico e representação:

Con el propósito de incluir los aspectos perceptivos del paisaje es de gran importancia tener en consideración las ideas de la psicología de la forma o Gestalt. Esta teoría psicológica del aprendizaje define a Gestalt como un complejo difuso de percepciones que pueden ser gradualmente diferenciadas en contenidos significantes. El proceso de aprendizaje se completa con la reestructuración de estas partes diferenciadas formando una estructura signifiicante.

El progreso en los estudios paisajísticos se debe al intento de conjugar contenido del paisaje y escena percibida como dos caras indivisibles de la misma entidad. En otras palabras, se investigan las relaciones entre las características del paisaje y los sentimientos que suscita. La selección de los atributos escénicos necesarios para la síntesis paisajística debe reflejar, por tanto, el paisaje “sentido” por el hombre. (RIBAS VILÀS, 1992, p. 213).

Fundamentando-se em Alberro e Benayas del Alamo (1994, p. 79-80) sobre as relações entre paisagem e educação ambiental, podemos considerar a experiência com a paisagem turística como uma diretriz para o desenvolvimento e a implementação de programas de educação e alfabetização ecológica e turística, que contribuam para a compreensão e valorização do entorno, estimulando ações participativas e cooperativas, responsabilidade social, etc., norteados pelos aspectos a seguir:

1. motivação: cenários e elementos componentes que incitam e animam à exploração e o desfrutar;
2. estimulação dos sentidos: despertar de capacidades contemplativas e de interiorização das vivências ambientais;
3. interdisciplinaridade: a paisagem se converte em lugar de encontro de disciplinas distintas de modo multi e interdisciplinar;
4. decifração de mensagens: infinidade de estímulos que escondem informações múltiplas sobre o entorno que podem ser decifrados pelo conhecimento e treinamento;
5. globalização: permite uma análise sistemática e global do médio;
6. realista e concreto: vantagens dos estudos das unidades paisagísticas graças a sua visibilidade;
7. desencadeamento de juízos e valores: estéticos, éticos e adaptativos direcionados à conservação ambiental;
8. implicações na ação e intervenção: relacionadas aos impactos ambientais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vislumbrando estas perspectivas, durante a elaboração e implantação de programas de uso público em áreas protegidas, cujas atividades devem ser orientadas tanto para a educação e alfabetização ecológicas, interpretação do patrimônio (aqui analisado sob o valor de herança), como para o turismo, apresentando alternativas vinculadas a bosques modelos, greenways, caminhos turísticos, redes sustentáveis de turismo solidário e comunitário, entre outras, podemos afirmar que os estudos sobre a valoração da qualidade paisagística contribuem não somente para a recuperação socioeconômica destes territórios, mas igualmente, reabilitam o valor da herança cultural que representam. Neste contexto, enfatizamos que a qualidade da experiência com e na paisagem é um fator de relevância para a qualidade da experiência turística do visitante (aqui entendido como turista), interferindo nas mudanças perceptivas, atitudinais, afetivas e comportamentais, além de contribuir para processos relacionados direta e indiretamente a uma outra proposição de educação turística, voltada à fruição do patrimônio paisagístico natural, cultural e eclético, incluindo suas influências nos setores da cogestão e das políticas públicas integradas visando a um desenvolvimento territorial sustentável.

REFERÊNCIAS

- ALBERO, C.M.; BENAYAS DEL ÁLAMO, J. Aprendiendo a través del paisaje, In: BENAYAS DEL ÁLAMO, J. et al. Viviendo el paisaje: guía didáctica para interpretar y actuar sobre el paisaje. Madrid: Fundación NatWest, 1994. p.79-96.
- ARAÚJO, J. Prólogo, In: ÁLAMO, J.B. del et al. Viviendo el paisaje: guía didáctica para interpretar y actuar sobre el paisaje. Madrid: Fundación NatWest, 1994, pp. 13-14.
- BALLONE, G.J. Afetividade, In: PsiqWeb, revisto em 2002. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/afeto.html>>. Acesso em: 20 abr/ 2003
- BATESON, G. Pasos hacia una ecología de la mente. Buenos Aires: Ediciones Carlos Lohlé, 1985.
- BAUMAN, Z. Tempos líquidos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BLUMER, H. El interaccionismo simbólico: perspectiva y metodo. Barcelona: Hora, 1969.
- CAPRA, F. A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2000.
- CAPRA, F. et al. Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CORRAL-VERDUGO, V. A structural model of proenvironmental competency. Environment and Behavior, Beverly Hills, n.34; p. 531-549, 2002.
- CORRAL-VERDUGO, V. La definición del comportamiento proambiental. La Psicología Social en México, México, v. 8, p. 466-467, 2000.
- EPSTEIN, G. A terapia do sonho acordado. Campinas: Livro Pleno, 2001.
- GODKIN, M. A. Identidad y Lugar: aplicaciones clínicas basadas en las nociones de arraigo y desarrollo, In: RAMÓN, M.D.G. (Org.), Teoría y metodo en la geografía anglosajona. Barcelona: Ariel Geografía, 1985. p. 242-253.
- GREIDER, T. e GARKOVISH, L. Landscape: The social construction of nature and the environment. Rural Sociology, 59(1), 1-24, 1994. Disponível em <http://www.wsl.ch/info/mitarbeitende/hunziker/teaching/download_mat/Greider___Garkovitch_1994.pdf>, Acesso em 07 de abril de 2012.
- GUIMARÃES, S. T. de L. Paisagens: aprendizados mediante experiências. Um ensaio sobre interpretação e valoração da paisagem. 2007. Tese (livre-docência) 2007. – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro/SP, 2007.

GUIMARÃES, S.T.L. Planejamento e proteção dos recursos paisagísticos: aspectos relacionados à cognição, percepção e interpretação da paisagem. OLAM – Ciência & Tecnologia, Rio Claro, v. 5, n. 1, maio p. 202-219, 2005.

GUIMARÃES, S. T. de L. Dimensões da Percepção e Interpretação do Meio Ambiente: vislumbres e sensibilidades das vivências na natureza, OLAM – Ciência & Tecnologia, Rio Claro, v. 5, n. 1, p. 202-219, maio 2004.

HEIDEGGER, M. De camino al habla. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1987.

LIMA, S. T. Trilhas interpretativas: a aventura de conhecer a paisagem, Cadernos Paisagem. Paisagens 3. Rio Claro: UNESP, 1998, p.39-44.

LUBICZ, R.A. S. de. Symbol and the symbolic. Brookline: Autumn Press, 1978.

MARTÍNEZ-SOTO, J. Comportamiento proambiental. Una aproximación al estudio del desarrollo sustentable con énfasis en el comportamiento persona-ambiente, Theomai, Quilmes, Invierno 2004. < <http://revista-theomai.unq.edu.ar/numespecial2004/art%20soto%20numespec2004.htm> >. Acesso em: 18 jun. 2007.

MEINIG, D. W. (Ed.). The interpretation of ordinary landscapes: geographical essay's. Oxford: Oxford University Press, 1979.

MERLEAU-PONTY, M. O visível e o invisível. São Paulo: Perspectiva, 1999.

NAVEH Z. Introduction to the Theoretical Foundations of Multifunctional Landscapes and their Application in Transdisciplinary Landscape Ecology. In: BRANDT, J. TRESS, B. and TRESS, G. Multifunctional landscapes: interdisciplinary approaches to landscape research and management. – Conference material for the Conference On “Multifunctional Landscapes”, Centre for Landscape Research, Roskilde, October 18-21, 2000.

NAVEH, Z. Ten major premises for a holistic conception of multifunctional landscapes, Landscape and Urban Planning, Amsterdam, n. 57, p. 269-284, 2001.

NAVEH Z. Ecosystem and landscapes – a critical comparative appraisal, Journal of Landscape Ecology, Vol. 3, N. 1, p. 64-81, 2010.

NAVEH, Z. My road to a holistic mission-driven transdisciplinary landscape ecology. Bulletin International Association for Landscape Ecology, Vol. 16, n. 5, september, 1998. Disponível em: < <http://tx.technion.ac.il/~znaveh/files/Landscape%20Ecology%20Theory%20and%20Global%20Applications/My%20Road%20to%20a%20Holistic%20Mission-Driven%20Transdisciplinary%20Landscape%20Ecology.pdf> >. Acesso: 14/out/2015.

- NAVEH, Z. Interpretation and transdisciplinary science of ecological and cultural landscape restoration, *Restoration Ecology*, Malden, v. 13, n. 1, p. 228–234, 2005.
- ORR, D. W. *Ecological literacy: education and the transition to a postmodern world*. Albany: State University of New York, 1992.
- RELPH, E. *Place and placelessness*. London: Pion, 1976.
- RELPH, E. As bases fenomenológicas da geografia, *Geografia*, Rio Claro, v.7, p.01-25, 1979.
- RIBAS VILÀS, J. Estudios de paisajismo, In: BOLÓS, M. de. *Manual de ciência de paisaje*. Barcelona: Masson, 1992. p. 205-218.
- SERRANO, D. Los españoles son gente despaisajada. *Desnivel.com*. 30 de marzo de 2012. Disponível em: < <https://desnivel.com/cultura/joaquin-araujo-premio-sociedad-geografica-espanola?pestanas=Galerias>>. Acesso: 13/out/2015.
- TUAN, Y-F. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1980.
- TUAN, Y-F. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.
- TUAN, Y-F. Geography, phenomenology and the study of human nature, *The Canadian Geographer*, n.15, 1971, p. 181-192.
- WILSON, E. O.; KELLERT, S.R. (Ed.). *The biophilia hypothesis*. Washington: Island Press/Shearwater Books, 1993.